

ESPAÇO DE JOGO – ESPAÇO
DE ENVELHECIMENTO:
SOCIABILIDADE LÚDICA NA SOCIEDADE
ESPORTIVA RECANTO DA ALEGRIA

Msnda. RAQUEL DA SILVEIRA

Mestranda em ciência do movimento humano,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
E-mail: raqkarate@hotmail.com

MARCO PAULO STIGGER

Professor adjunto na Escola de Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Coordenador do Grupo de Estudos Socioculturais de Educação Física (Gesef)
E-mail: stigger@adufrgs.ufrgs.br

RESUMO

A partir da etnografia, buscamos compreender aspectos do modo como sócios da Sociedade Esportiva Recanto da Alegria (Soeral) vivenciam o envelhecimento, tendo o jogo como catalisador do grupo. Após análise dos resultados do contexto em estudo, considerou-se – diversamente de posições pessimistas acerca do envelhecimento – que essa etapa da existência é bastante rica naquele contexto, este que se desvelou como um espaço de sociabilidade lúdica, carregada de significados e de forte sentimento de pertencimento. Contrastando com o desinteresse das ciências sociais com relação ao jogo e outros aspectos não-sérios da vida, este estudo traz uma alternativa para pensar essa prática social, buscando entendê-la a partir dos significados que lhe são atribuídos.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo; envelhecimento; cultura; espaço.

Inserido no projeto “O esporte na cidade”¹, este trabalho é resultado da intenção de analisar, entre as distintas maneiras de vivenciar a velhice, aquela que acontece no universo particular da Sociedade Esportiva Recanto da Alegria (Soeral), um espaço sociocultural no qual o *jogo* e as relações sociais a ele vinculadas são destaques.

Um ponto de partida para esta reflexão pode ser alguns, entre os tantos depoimentos obtidos dos freqüentadores da Soeral, estes que identificam a sua associação como “um segundo lar” (José Maria):

isso aqui é um segundo lar para muitas pessoas que estão aqui. Porque saem de casa sabe que vêm para aqui, o familiar fica tranqüilo, sabe que está aqui na Soeral. Daqui da Soeral para casa, quer dizer [...] isso aqui é um segundo lar como eu digo para a turma sempre aí [Irineu].

Com base nessas afirmações, podemos dizer que a questão central desta investigação consistiu em apreender como um grupo, destinado à prática de jogos de mesa e do jogo *da bocha*, pode constituir-se em um *segundo lar* para seus participantes. Por essa razão, mostrou-se necessário compreender não apenas a especificidade das práticas lúdicas realizadas na Soeral, como também a relação que essas práticas têm com outras dimensões da vida dos sócios do grupo, constituindo, assim, um universo sociocultural particular.

Nessa direção, pergunta-se: quem são essas pessoas que, já em idade avançada e ao optarem por participar de um grupo de praticantes de atividades lúdico esportivas, fazem dele um importante componente do seu cotidiano? Como as atividades lá desenvolvidas estão presentes no cotidiano de seus freqüentadores? Como a Soeral, vista como um espaço de jogo e de encontro de homens aposentados, se insere no modo de vida aqueles indivíduos?

Na busca de respostas a essas questões foi desenvolvido um estudo etnográfico, o qual se vincula, sumariamente, com a interpretação dos padrões culturais que o investigador realiza acerca de um contexto empírico específico, após manter um convívio com este, por longo tempo. Assim, é por um *olhar de dentro e de perto* (MAGNANI, 2002) que se revela um panorama formado por múltiplas instâncias que permitem identificar a complexidade da cultura estudada, muitas vezes não explícita, a partir de uma relação de comunicação entre o investigador e aqueles que são os protagonistas do contexto em estudo (LAPLANTINE, 1994). Nesse caminho, o trabalho do investigador caracteriza-se pela imersão na cultura estu-

¹ Projeto desenvolvido no Gesef.

dada, tendo como referência as significações que os indivíduos atribuem aos seus comportamentos; após esse processo, ele deve torná-la acessível pela sua apresentação na forma descritiva, na perspectiva de retraduzi-la para um público terceiro (WINKIN, 1998). Em conformidade com essas idéias e seguindo as principais etapas propostas para a realização de um estudo etnográfico, inicialmente desenvolvemos a coleta de dados pela *observação participante* e pela realização de *entrevistas semi-estruturadas*. Posteriormente, pela análise e interpretação do material empírico obtido, desenvolvemos a sua análise e interpretação (GEERTZ, 1989), buscando ter acesso aos modos de vida que era preciso desvelar. Como última etapa, realizamos o relatório da investigação.

SOBRE "ENVELHECIMENTO"

Desenvolvendo-se uma análise de algumas produções da área, pode-se identificar basicamente dois tipos de abordagens distintas referentes ao processo de envelhecimento. De maneira geral, temos aquelas perspectivas que equiparam o envelhecimento com *declínio*, sendo seus argumentos baseados, principalmente, na perda da funcionalidade corporal do indivíduo e na improdutividade no trabalho e no ambiente em que vive. Segundo essa perspectiva, a velhice acarreta o distanciamento dessas pessoas para com a sociedade, pois elas perdem os seus papéis profissionais e familiares, não possuindo, de certa forma, responsabilidades e participação na sociedade em que estão inseridas. Nesse sentido, a sociedade também proporciona um afastamento dessas pessoas, pois as suas características – vinculadas à produtividade, ao rendimento, ao lucro e ao trabalho – tornam os idosos dispensáveis. Com isso fica visível que essas perspectivas, ainda que por motivos variados, identificam a sociedade como um grande "morredor"² para os *velhos*, os quais passam essa etapa da vida apenas aguardando a sua vez.

Por esse enfoque, o envelhecimento é visto apenas pelas mudanças que ocorrem com o corpo do indivíduo, ou seja, consideram que esse processo está relacionado restritamente com o embranquecimento dos cabelos, com a perda de elasticidade do tecido dérmico (rugas), com a diminuição da visão e audição, com a perda da força e da precisão manual, além de diversas outras transformações que o *tempo* provoca no corpo. Com base apenas no declínio biológico da pessoa, é

² Referindo-se à questão de moradia dos *velhos*, Simone de Beauvoir (1990, p. 339) afirma que "Não são apenas os hospitais e os asilos: é toda a sociedade que constitui, para os velhos, um grande 'morredor'".

criado um estereótipo negativo que acaba reduzindo o processo do envelhecimento em um período caracterizado pela degradação, desgaste, enfraquecimento e impotência.

Ainda nessa perspectiva pessimista, o envelhecimento é percebido como um período de *improdutividade*, no qual há privação de um papel social fundamental da sociedade industrial: a capacidade de *produzir*. Nessa óptica, o ato de trabalhar apresenta-se como elemento da hierarquia social, o qual direciona o indivíduo para novas possibilidades, ou seja, não apenas como “uma escravidão, uma fadiga, mas também uma fonte de interesse, um elemento de equilíbrio, um fator de integração à sociedade” (BEAUVOIR, 1990, p. 325). Com isso, no momento da aposentadoria, quando o trabalho não faz mais parte da vida, acontece uma *deterioração* das pessoas (PEIXOTO, 2000), pois elas não possuem o *status* de competência e de produtividade que é exigido pela sociedade moderna, mas sim de incapacidade, de incômodo, de inutilidade:

É através de sua ocupação e de seu salário que o homem define sua identidade; ao aposentar-se, perde essa identidade; um antigo mecânico não é mais um mecânico: não é nada. [...] É, portanto, perder o lugar na sociedade, perder a dignidade, e quase a própria realidade [BEAUVOIR, 1990, p. 329].

Sintetizando as perspectivas apresentadas até o momento, visualizamos que o envelhecimento aparece como a *decadência* do ser humano, quando este acaba sendo considerado *incapaz e inútil* para a sociedade. Além disso, a aposentadoria – a qual foi criada para introduzir melhorias nas condições de vida dessas pessoas (PEIXOTO, 2000; MOTTA, 1981) – é vista como um retrocesso, na qual a *improdutividade* e a *dependência* ganham destaque.

Em contrapartida, há concepções que abordam a velhice de maneira diferenciada, acreditando que essa etapa da vida possui significados distintos daqueles apresentados nas concepções anteriores, especialmente quando se está referindo aos aspectos sociais. Referindo-se à aposentadoria, considera-se a possibilidade de um tempo liberado para a realização dos velhos sonhos e dos novos projetos de vida, no qual o *velho* não é mais associado à decadência, mas à integração e autonomia:

É uma nova etapa da vida em que a ociosidade simboliza a prática de atividades voltadas para o estabelecimento da própria autonomia, da integração e do estímulo ao potencial intelectual ou físico sob o signo do dinamismo (BATISTA, 2002, p. 98).

É nesse sentido que a velhice pode deixar de ser vista como algo negativo e pessimista, e passa a constituir um momento de ressignificação de valores, atitudes, comportamentos e escolhas (COUTRIM, 2002).

Partindo dessas últimas interpretações apresentadas sobre o processo de envelhecimento, podemos considerar a velhice não como fato estático, mas sim resultado de um processo que envolve toda a sociedade. É por essa razão que “para compreender a realidade da velhice, é [...] indispensável examinar o lugar que é destinado aos velhos, que representação se faz deles em diferentes tempos, em diferentes lugares” (BEAUVOIR, 1990, p. 48).

Isso nos leva a considerar que, para apreender esse processo de representação da velhice de maneira dinâmica, mais do que tentar constituir uma representação única sobre o envelhecimento é necessário estabelecer uma relação entre a velhice e o contexto social em que ela se insere. Considerando, assim, que existem *diferentes maneiras pelas quais a velhice pode ser vivenciada*, pretendemos compreender como isso ocorre no contexto da Soeral.

ENVELHECER NA SOERAL

O que é a Soeral?

A Soeral é um coletivo de homens de idade avançada que freqüenta o Parque da Redenção, em Porto Alegre, onde desenvolvem diversas atividades, como os jogos de cartas, o jogo de dominó, o jogo de damas, o jogo de xadrez e – especialmente – o jogo da bocha³. Além da prática das atividades lúdicas específicas, seus *sócios* participam de uma rotina diária, que os inclui num universo cultural com o qual se identificam e que tem uma forma particular de sociabilidade que o sustenta.

Conforme informam dois de seus participantes mais antigos, isso ocorre já há 28 anos, quando a Soeral foi fundada⁴ “por uma meia dúzia de abnegados [...] que resolveram fundar um canto, um recanto de alegria, comunicação, para o pessoal se encontrar” (Irineu, 69 anos). Esse espaço é hoje localizado em uma área demarcada, a qual não passa despercebida para qualquer transeunte: apesar de o Parque da Redenção ser público, os participantes da Soeral cercaram e cobriram o “cantinho da Redenção”⁵ (Irineu) e conseguiram, junto ao poder instituído, legitimar a sua presença no local.

³ Sobre características da bocha, ver Stigger e Silveira (2004); sobre a história, ver Steiger (1987).

⁴ Data de fundação: 28 de dezembro de 1976.

⁵ Pequena área localizada numa das extremidades do parque, delimitada por uma cerca e, em parte, coberta por telhados. No seu interior, existem duas canchas de bocha, uma cozinha (tipo bar), um banheiro e várias mesas destinadas aos jogos de cartas, dominó, damas e xadrez.

Seu Irineu orgulha-se do que a Soeral é hoje, quando relata aspectos da trajetória do grupo:

eram um grupo de amigos, na época o pessoal que estava começando a freqüentar aqui, jogavam aquela bochinha, na época simples, como se diz [...], porque era canchinha de chão [...], o pessoal estava fazendo e ali no cantinho da Redenção, de repente o pessoal foram se reunindo, se encontrando, trocando idéia. Sonhavam com algo maior, hoje está aí a realidade, hoje deixou de ser sonho [...], hoje é uma realidade.

Contando, com em torno de 300 sócios⁶ efetivos, a Soeral mantém, sistematicamente, uma grande freqüência de participantes, especialmente no sábado, no turno da tarde⁷. Com um perfil bastante heterogêneo, em seu interior são encontrados senhores, em sua grande maioria aposentados, que possuem origens profissionais distintas, sendo médicos, ex-militares, trabalhadores rurais e comerciários algumas das possibilidades encontradas. Não possuindo origens sociais comuns, mas vindos de vários pontos da cidade⁸, fazem da Soeral um espaço de contato particular, no qual os jogos constituem os principais condutores do seu convívio.

Eles inseriram-se no grupo de duas formas principais, sendo a primeira relacionada ao fato de a sede estar localizada no Parque Farroupilha⁹: foi por passeios realizados no parque ou pela sua utilização como trajeto para ir a algum lugar que diversos senhores tiveram a curiosidade de saber o que acontecia naquele local, que – apesar do pequeno espaço físico – chamava a atenção pela grande circulação de pessoas: “foi por acaso, em função da localização do grupo” (Telmo, 59 anos); “eu trabalhava aqui perto, então um dia resolvi entrar e gostei” (Manoel, 68 anos). De forma diferente, existem senhores que começaram a participar da Soeral por convite de algum amigo que já freqüentava o grupo ou possuía algum tipo de envolvimento com ele: “entrei de sócio aí, foi em 94, [...]”. Eu vim através de uma indica-

⁶ São *sócios* todos aqueles participantes que, tendo mais de 40 anos de idade, pagarem a mensalidade de R\$4,00. Isso lhes dá o direito de usar as instalações do local, participar das eleições anuais e fazer parte das equipes representativas do grupo. Apesar de, na sua maioria, serem homens de mais de 50 anos, não é raro serem encontrados jovens no local.

⁷ Durante toda a semana (manhã e tarde), há a presença de pessoas no local, sendo sábado o dia de maior freqüência e domingo o de menor.

⁸ A maioria dos freqüentadores mora próximo da sede do grupo, mas existem participantes que se deslocam de bairros distantes, assim como alguns que residem na Grande Porto Alegre.

⁹ Importante espaço público da cidade de Porto Alegre.

ção de um decacampeão de bocha do Independente Gaúcho, foi aqui que eu iniciei a jogar" (Dutra, 50 anos).

Além das diferentes maneiras de inserção na Soeral, também se torna possível perceber que as relações entre os sócios *antigos* do grupo com aqueles *que estão chegando* ocorre de diversas formas. Se há senhores que já conheciam algum participante do grupo e já possuíam algum indicativo sobre este, há também aquelas pessoas que ao entrarem na Soeral não possuíam nenhum referencial, ou seja, estiveram num primeiro momento estabelecendo apenas alguns contatos superficiais, nos quais a relação se restringia a simples saudação e conversas efêmeras.

No entanto, com o passar do tempo e com o surgimento do hábito de freqüentar o grupo, acabam desenvolvendo uma intensificação dos laços sociais com os sócios *mais antigos* e constituindo, assim, uma rede de relações sociais que se vai inserindo no modo de vida de cada participante. E são essas relações face a face e a interação *pelos jogos* que possibilitam a realização de "práticas de sociabilidade" que consistem em "uma malha de relações sociais tecidas pelos indivíduos na sua vida cotidiana" (PEIXOTO, 2000, p. 46).

Jogando na Soeral

No contexto da Soeral essas práticas de sociabilidade ocorrem num universo lúdico, no qual os participantes se unem em torno de diversos tipos de jogos.

Para que se possa ter uma idéia do que envolve aquele local, vale citar que no sábado 19 de julho de 2003, entre 14h00 e 15h30, lá estavam em torno 120 sócios (todos homens), distribuídos em várias mesas de jogos e ao redor das canchas de bocha. Eles estavam jogando, observando/torcendo e/ou esperando a sua vez de jogar. Nas 26 mesas de jogo encontravam-se em torno de 70 pessoas, praticando xadrez, jogos de cartas, jogo de damas e dominó. Na área das quadras de bocha havia aproximadamente 50 pessoas, sendo que quase todas estavam em torno da quadra *oficial*, na qual ocorria uma partida entre a Soeral e um grupo visitante; na quadra ao lado havia apenas quatro homens jogando, ninguém assistindo. Mesmo que nos dias de semana essa atividade seja menor, ela intensifica-se ao final da tarde, quando se aproxima dos dados referidos.

Com essa assiduidade que chama a atenção, naquele contexto as relações se estabelecem num clima de muitas brincadeiras e gozações. Dessa forma, não causam nenhuma estranheza as relações jocosas entre os freqüentadores, que ocorrem não só durante os jogos. Um exemplo disso foi a inscrição encontrada na parede, na qual dois jogadores provocavam os demais com as seguintes palavras:

“quando nós estivermos jogando canastra, em parceria, todos estão convidados para assistir ao *show*”.

O mesmo acontece no jogo de bocha, nosso principal foco de observação, no qual também se evidenciavam inúmeras brincadeiras, gozações e ironias bem humoradas. Observadas sistematicamente, elas evidenciavam um clima em que o *não-sério* parece ser a regra geral. Em trecho do diário de campo realizado no dia 13 de março de 2004, foi possível identificar esse tipo de comportamento no grupo:

Numa partida que estava acontecendo, uma das coisas que me chamou muita a atenção, foi a maneira *descontraída* de seu Darci jogar. Ele estava jogando como ponteiro, então para ele atirar a bocha, ele se abaixava e no momento que a bocha saía da mão dele, ele realizava um movimento em que o seu corpo tendia a *cair* para a frente até a parede da cancha. Chegando próximo à parede da cancha, ele ficava com as mãos apoiadas e com um só pé no chão, o seu corpo inclinado para frente dava a impressão de que ele estava acompanhando o movimento da bocha. Era muito engraçada a posição que o senhor Darci assumia a cada jogada que realizava. Além dessa postura *esquisita* que seu Darci assumia a cada jogada, ele também chamava a bocha de uma maneira bem *carinhosa*, ou seja, sempre que a sua bocha estava *rolando*, ou a bocha de algum companheiro de sua equipe, ele gritava: “– vai queridinha, vai”. Ele falava, ou melhor, gritava essa frase principalmente quando a jogada era boa ou parecia ser. Mas quando as bochas eram jogadas *erradas*, ou aparentemente a bocha não iria marcar um ponto ele não pronunciava a frase. Em uma determinada jogada ficou bem claro este fato, pois seu Darci ao realizar a jogada, errou a maneira de jogar a bocha, ou seja, sua bocha se afastou muito do bolim; neste momento os outros jogadores que estavam participando do jogo, começaram a *ironicamente* fazer piadinhas com o seu Darci. Eles falavam: “– Mas esta bocha não é queridinha, esta bocha é chatinha”. Achei muito engraçada a situação, pois seu Darci e os outros senhores davam muitas risadas do que tinha acontecido (Diário de campo, n. 24, 13 mar. 2004).

Conforme pode ser observado pelo comportamento provocativo do “seu” Darci, naquele momento, até as jogadas consideradas erradas proporcionavam alegria e divertimento para os participantes da partida. Ao que parece, naquela situação, o ato de *jogare*, especialmente, a *expectativa do desfecho da jogada*, era um meio de maximizar as tensões agradáveis e provocar satisfação dos jogadores, conforme nos ensinaria Elias e Dunning (1992), estes que consideram as atividades de lazer não vinculadas ao *relaxamento das tensões*, mas da busca de *tensões agradáveis*¹⁰.

¹⁰ Pergunta Elias (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 142-143): “Se as tensões devem ser avaliadas, pura e simplesmente, como perturbações das quais as próprias pessoas se procuram ver livres, porque é que no seu tempo de lazer elas voltam sempre a procurar uma intensificação das tensões?”.

Esse caráter explicita-se de forma especial no cotidiano do grupo, quando os jogos são realizados numa perspectiva bastante informal, na medida em que todos os praticantes têm acesso ao jogo. Isso é estabelecido por ordem de chegada, quando, uma vez definidos os seis primeiros participantes, as equipes (dois trios) são divididas consensualmente, de acordo com as características técnicas dos jogadores. Nesse momento a “escolha” é feita de forma que o jogo “ligue”, ou seja, que se estabeleça uma disputa entre equipes equilibradas: “cada um dos atiradores deve ficar num time, se não perde a graça”, disse o Italiano, explicitando a preocupação de que o jogo que estava para começar adquirisse um nível ótimo de tensão-excitação, estimulando o aparecimento de uma tensão agradável, conforme já referido. Nessas situações, os jogadores buscam criar uma configuração, na qual os dois grupos se constituem *dois subgrupos interdependentes em tensão*, na mesma perspectiva do que Stigger (2002) encontrou, quando estudou grupos de praticantes de esportes no âmbito do lazer e identificou o valor atribuído aos jogos *duros, renhidos, disputados* e apresentou a categoria de *companheiro adversário* como uma forma de explicar aspectos da sociabilidade dos grupos.

Essa idéia evidencia-se nas inúmeras vezes que presenciamos situações nas quais os jogadores se congratulavam com os seus oponentes, quando estes realizavam boas jogadas, obtendo, assim, vantagem no jogo; o mesmo juízo pode ser feito quando – mesmo que estejam numa situação de competição – se visualizam inúmeras brincadeiras entre os participantes de equipes adversárias, assim como as muitas adaptações à regra que são admitidas, no sentido de facilitar a participação de jogadores que têm um menor domínio das ações do jogo¹¹.

Com algumas diferenças do que foi referido, acontecem os jogos de bocha *oficiais*, quando os jogadores da Soeral se confrontam com equipes representativas de outros espaços públicos, no Campeonato Municipal de Praças, realizado pela Prefeitura de Porto Alegre. Nessas competições evidencia-se uma maior preocupação com o resultado das partidas, conduzindo a um aumento do nível de seriedade da atividade. Isso ficou bastante claro em todas as vezes que visitamos a Soeral em dia de competição e identificamos um clima diferenciado (mais sério), assim como uma maior concentração de pessoas em volta da cancha em que há jogo *oficial*¹².

Nessas situações confirma-se o que já havia sido evidenciado em diversos contatos, que é um forte sentimento de pertencimento existente naquele local.

¹¹ Quando um jogador de idade bastante avançada mostrava dificuldades para realizar a “bochada”, foi aconselhado a passar da linha que limita aproximação do seu alvo, para facilitar a sua jogada.

¹² A outra cancha fica reservada para jogos *informais*.

Assim, se por um lado as atividades do grupo estão fortemente centradas no lúdico e na prática desinteressada, por outro, quando jogam *a sério* afloram de forma mais evidente¹³ os sentimentos que atribuem uma identidade do grupo, diferenciando-o de outros, no contexto da prática *da bocha* na cidade. Além do orgulho com que ostentam o uniforme da equipe¹⁴, esse sentimento está presente nas palavras de vários sócios, quando enfatizam que a Soeral é bicampeã de bocha de Porto Alegre; é também por sentirem-se parte do grupo, que se vangloriam das suas vitórias, ao afixarem, em local bem visível na sua *sede*, um faixa dizendo “Valeu Soeral – bicampeã 2001/2 de bocha”. Esse sentimento também aparece quando, nos jogos *oficiais*, os sócios se concentram em torno da cancha de bocha e *se configuram* como uma torcida.

Tendo em vista a descrição oferecida, poder-se-ia identificar, na Soeral, pelo menos duas formas diferentes da prática do jogo da bocha. Na primeira o jogo ganha um sentido não estritamente ligado à idéia que a competição e as suas características de seriedade e seletividade, tornando-se mais relacionado à idéia de divertimento e participação; na segunda o caráter de seriedade vem à tona, passando, a participação, a ser restrita àqueles que apresentam um melhor domínio das habilidades do jogo, ou seja, aqueles que possuem um maior *capital esportivo*.

Concluindo essa análise, pode-se dizer que, em que pese as diferenças sociais entre os participantes (origens, formas de inserção etc.) e as distintas formas de apropriação do jogo da bocha, esses aspectos articulam-se e proporcionam a formação de um ambiente em que um forte sentimento de pertencimento acaba por evidenciar-se. Nesse sentido, os participantes da Soeral parecem estar ligados por um tipo de sociabilidade vista como uma forma autônoma ou lúdica de associação, como apresenta Simmel (1983): um jogo simbólico liberado de laços de conteúdo, nos quais algumas diferenças sociais são reelaboradas.

Soeral: espaço e pertencimento

Da mesma forma, considerando que as relações sociais podem ser caracterizadas segundo os diferentes domínios em que se desenvolvem, Peixoto (2000) apresenta também a sociabilidade do tipo “territorial”, a qual se caracteriza pelas

¹³ Esse sentimento também aparece em outras situações: nas referências ao *segundo lar*; no orgulho ao verem um de seus membros ser entrevistado por um jornal; pela alegria ao ter o grupo fotografado para registro no Museu Antropológico de Porto Alegre.

¹⁴ Durante os jogos, as equipes utilizam uniformes completos e mesmo aqueles que não fazem mais parte do time costumam utilizá-los.

relações sociais desenvolvidas com base em um espaço. Transferindo esse conceito para o caso dessa investigação, fica evidente que a Soeral constitui um local que proporciona o desenvolvimento desse tipo de sociabilidade, sendo que se estabelece entre os participantes do grupo um sentimento de *pertencimento local* que está vinculado não apenas ao espaço, mas “à permanência de certos comportamentos sociais desenvolvidos nestes territórios que, aliás, criam um sentimento de apropriação desse espaço” (PEIXOTO, 2000, p. 47-48).

Nesse sentido, os freqüentadores da Soeral criam procedimentos *informais* e mesmo *formais*, exclusivos de acesso ao seu interior, o que acaba modificando o nível de significação social dada à ocupação de um espaço público, pois ainda que freqüentem um espaço aberto a toda coletividade possuem *regras* internas, que acabam dificultando a entrada daquelas pessoas que não desempenham atividades no grupo, caracterizando-se assim como território *particular* ou *semiprivado*, como coloca Peixoto (2000).

Os jogos, as regras, os valores, os comportamentos, as escolhas e as atitudes que são observadas na Soeral acabam formando uma lógica específica que é vivenciada e compreendida pelos sócios, ou seja, por aquelas pessoas que integram aquele *pedaço* e participam das suas atividades. Adaptando essa categoria desenvolvida por Magnani (1984) para compreender a Soeral, é possível perceber que as relações sociais desenvolvidas nesse grupo possuem um significado particular na vida de cada participante, fazendo com que se constituam importantes no seu cotidiano. Segundo o autor, os *pedaços* são resultados de práticas coletivas, de uma experiência concreta e compartilhada apenas por quem *faz parte*. Para alguém ser considerado do *pedaço*, não basta somente passar pelo lugar ou freqüentá-lo com certa regularidade. É necessário estar situado na rede de relações sociais, o que significa que apreciar os mesmos símbolos, compartilhar dos mesmos valores e costumes são pré-requisitos para integrar algum *pedaço*.

Assumindo, então, a função de um *pedaço*, a Soeral passa a ser compreendida não apenas como um espaço destinado à prática de jogos de mesa e do jogo de bocha, mas sim como universo cultural que possui uma gênese própria. Nesse sentido, observa-se que, desde o momento de chegada a Soeral, se exigem certos comportamentos e atitudes dos seus freqüentadores. Isto porque para um *bom andamento* do grupo é fundamental que certas normas e valores sejam cumpridas, mesmo que, muitas vezes, elas não estejam explícitas de maneira *formal*¹⁵. Com esses aspectos que a caracterizam, a Soeral possui a sua ordem e o seu ritmo de

¹⁵ Há regras *formais* presentes no estatuto do grupo.

funcionamento, estes que estabelecem e reforçam uma forma particular de sociabilidade e apropriação daquele espaço a qual ultrapassa os limites das atividades lúdicas lá desenvolvidas. O senhor Dutra, ao descrever sua rotina diária, destaca a importância que esse espaço de sociabilidade assume no seu cotidiano:

eu acordo cedo por costume [...]. Aí quando eu quero vir aqui eu venho. Quando eu não vou fazer outras coisas, mas geralmente eu venho aqui. Se eu não venho de manhã eu venho de tarde. Porque [...] para não ficar em casa porque parado é horrível, se a pessoa não tiver, não tomar cuidado, cai na depressão. Então para eu não cair na depressão prefiro esse convívio social aqui, que é muito bom, porque conversa sobre outras coisas, e desanuvia as preocupações. Se não der para jogar uma partida [se referindo ao jogo da bocha] eu treino sozinho, pra ir descobrindo mais segredos da cancha, porque a gente tem sempre algo a descobrir na cancha (Dutra, 50 anos).

É possível, então, compreender como a Soeral consiste em uma importante alternativa para aquelas pessoas que estão vivenciando a aposentadoria. Isso porque, se por um lado o tempo de aposentadoria é visto como tempo liberado para *descansar* ou para *ficar em casa*, por outro, pode-se afirmar que as pessoas recém-aposentadas – que dedicaram grande parte do tempo de suas vidas para as atividades profissionais – não encontram sentido para uma vida sem trabalho, caso não preencham o tempo com outras atividades. É assim que diversos aposentados, em vez de *ficarem em casa* no momento da aposentadoria, escolhem participar de atividades que, de algum modo, têm significado para eles. Dessa forma – considerando que a sua associação assume a função de um *pedaço* – é possível dizer que além de proporcionar atividades para a ocupação do tempo que têm disponível, a Soeral possui uma lógica específica que, ao integrar-se no cotidiano dos seus associados, passa a *fazer sentido* para cada um, *trazendo sentido* para a sua vida.

Considerando a trajetória de alguns associados, é possível verificar que foi somente a partir da aposentadoria que eles tiveram a oportunidade de inserir em sua rotina diária a prática de atividades de lazer, particularmente os jogos que são realizados no contexto da Soeral:

antigamente era bastante estressante, porque eu trabalhava com transporte, e o trânsito em Porto Alegre é uma coisa, assim, que estressa qualquer pessoa que diariamente esta vivendo com ele. É problemático. ... E meu tempo livre na época era muito pouco, mas no domingo, quando eu tinha final de semana, sobrava um tempo. Eu gostava de dar uma chegada na praia, ou nos últimos tempos chegar até a Soeral, eu estava iniciando a minha vida aqui na Soeral (Irineu).

Assim, é no momento de aposentadoria – a qual muitas vezes é considerada uma forma de marginalidade em que os sentimentos de impotência e de desvalori-

zação ganham destaque – que a maioria dos senhores que integram a Soeral tiveram a oportunidade de ter conhecimento e participar de algum grupo de convivência. Além disso, são vários os relatos que demonstram como as atividades do grupo e as relações sociais lá existentes proporcionaram significado diferenciado a essa etapa da vida. Senhor Osório¹⁶ relata que após se aposentar e ter parado de trabalhar, enfrentou momentos difíceis na sua vida familiar em virtude da morte de sua esposa; ao expor esses fatos, ele relata que, como não possui filhos, se sentia muito sozinho ao ficar em casa. Foi isso que o levou a fazer caminhadas no Parque Farrroupilha e foi dessa forma que teve conhecimento da existência da Soeral. Desde então, o senhor Osório passou a freqüentar o grupo diariamente, sendo que já foi vice-presidente e atualmente é o tesoureiro da associação.

Resultados semelhantes aos da Soeral foram aqueles encontrados por Peixoto (2000) na investigação que desenvolveu no Clube Social e Recreativo Posto 6, no Rio de Janeiro¹⁷. Naquela investigação, a autora percebeu que:

Se os relatos sobre o desprezo oficial pelos aposentados são numerosos, muitos são aqueles que descrevem a retomada da alegria de viver depois que começaram a se reunir em torno das mesas de jogo. Essas manifestações espontâneas de sociabilidade criaram um sentimento de pertencimento a esse território, permitindo esquecer os problemas cotidianos ligados à aposentadoria e à velhice, e tomando esse pertencimento a condição primeira da sua existência (p. 129).

Com base nessas considerações, pode-se dizer que, apesar de algumas atividades oferecidas por cada um dos grupos serem diferentes e as *regras* internas de ambas as organizações possuírem suas particularidades, os dois universos constituem espaços de sociabilidade lúdica que evocam fortes sentimentos de pertencimento, além de proporcionarem aos seus freqüentadores uma rede de relações sociais, que fornecem significados diferenciados para o processo de envelhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever a clássica obra *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*, Johan Huizinga buscou demonstrar as relações do jogo com outras esferas da vida.

¹⁶ 67 anos e sócio da Soeral há 15 anos.

¹⁷ Grupo “de aposentados” que se reúnem em torno das mesas de cartas, gamão e xadrez. Apresentando características muito próximas das existentes na Soeral, localiza-se em uma praça pública de Copacabana (RJ). Com cerca de 480 sócios, é também freqüentado predominantemente por homens “pertencentes às mais diversas categorias profissionais” (2000, p. 127).

Defendendo a idéia de que o jogo “ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica”, dá início ao seu texto afirmando que ele tem “uma função significativa” (HUIZINGA, 1980, p. 3). Em que pesem as críticas que porventura possam ser feitas à obra *datada* de Huizinga, é impossível não reconhecer a sua importância no que se refere ao fato de ela chamar atenção para uma dimensão da vida que ainda hoje é deixada de lado enquanto objeto de estudos das ciências sociais. Mesmo que essa falta de interesse acadêmico possa ser explicada por essa prática social estar entre as coisas *não-sérias* da vida, as evidências da presença do jogo no cotidiano de inúmeros grupos sociais levam e considerar a relevância de compreender o seu significado para aqueles que o praticam.

Estimulados por preocupações como essas, procuramos, neste trabalho, desvelar aspectos relativos à sociabilidade da Soeral, um coletivo de senhores de idade avançada, na maioria aposentados.

Após análise dos resultados do contexto em estudo, foi possível considerar que – diversamente de algumas análises pessimistas acerca do envelhecimento – essa etapa da existência se mostrou bastante rica quando vivida na Soeral. Isso porque aquele universo sociocultural se desvelou como um espaço vinculado a uma forma de sociabilidade lúdica, carregada de significados e na qual seus integrantes encontraram sentido para essa etapa da sua existência, fortalecido por um forte sentimento de pertencimento.

Da mesma forma, contrastando com falta de interesse das ciências sociais com relação ao tema do jogo e outros aspectos *não-sérios* da vida, este estudo oferece uma alternativa para pensar sobre essa prática social, não como se ela fosse uma parcela da vida que está *entre parênteses*, mas para entendê-la como parte integrante da existência cotidiana dos seres humanos.

Neste caso particular, o jogo – *identificado como o elemento catalisador do grupo investigado* – apresentou-se como o componente central das relações sociais entre os integrantes daquele contexto e, nesse sentido, fundamental enriquecedor das suas existências.

Space of game – space of aging: ludic sociability in the Sociedade Esportiva Recanto da Alegria

ABSTRACT: Using ethnography, we seek to understand aspects of the way that the members of the Sociedade Esportiva Recanto da Alegria (Soeral) live the aging, having the game as a catalyzer of the group. After an analysis of the results of the context studied, it was considered –

(continua)

differently of pessimist positions about aging – that this stage of existence is very rich in that context, that showed itself as a space of ludic sociability, loaded with meanings and a strong feeling of belonging. Defying the lack of interest of the social sciences in the game and other non serious aspects of life, this study brings an alternative to think this social practice, seeking to understand it from the meanings that are attributed to it.

KEY WORDS: Game; aging; culture; space.

Espacio de juego – espacio de envejecimiento: sociabilidad lúdica en la Sociedade Esportiva Recanto da Alegria

RESUMEN: A partir de la etnografía, buscamos comprender aspectos del modo como socios de la Sociedade Esportiva Recanto da Alegria (Soeral) vivencian el envejecimiento, usando el juego como catalizador del grupo. Después del análisis de los resultados del contexto en estudio, consideramos – diversamente de posiciones pesimistas sobre el envejecimiento – que esta etapa de la existencia es bastante rica en ese contexto, que se reveló como un espacio de sociabilidad lúdica, cargada de significados y de fuerte sentimiento perteneciente. Contrastando con el desinterés de las ciencias sociales con relación al juego y otros aspectos no serios de la vida, este estudio trae una alternativa para pensar esta práctica social, buscando entenderla a partir de los significados que le son atribuidos.

PALABRAS CLAVES: Envejecimiento; cultura; espacio.

REFERÊNCIAS

BATISTA, M. da C. A. *A relação governo e sociedade na gestão da política pública de esporte e lazer no governo do estado gestão 1999-2001: analisando o projeto "Idoso em movimento"*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

COUTRIM, R. M. da E. Quem disse que os aposentados estão inativos? O Movimento de Aposentados e Pensionistas e o jogo de resistência contra o poder. *Textos sobre o Envelhecimento*, Rio de Janeiro, UnATI/UERJ, ano 4, n. 7, p. 35-52, 2002.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MOTTA, E. M. Reflexos da aposentadoria sobre a questão social do idoso. *Caderno da Terceira Idade*, São Paulo, n. 7, p. 7-16, 1981.

PEIXOTO, C. E. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

STEIGER, R. N. *O emocionante e espetacular esporte da bocha*. Porto Alegre: Sulina, 1987.

STIGGER, M. P. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.

STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R. da. A prática da "bocha" na Soeral: entre o *jogo* e o *esporte*. *Revista Movimento*, Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 10, n. 2, maio/ago. 2004.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: WINKIN, Y. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papyrus, 1998.

Recebido: 20 jan. 2007

Aprovado: 15 maio 2007

Endereço para correspondência

Marco Paulo Stigger

R. Afonso Taunay, 193, ap. 802

Bairro Boa Vista

Porto Alegre-RS

CEP 90520-540